

NOTA DE PESQUISA

A COMUNIDADE KALUNGA¹

LA COMMUNAUTÉ KALUNGA

THE COMMUNITY KALUNGA

Clara Lúcia F. de Souza

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária Cora Coralina
Licenciada em Geografia
Rua das Palmas Qd 05 Lt 12
Jardim Raio do Sol, Inhumas – Goiás
75.400-000
claretoile@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a comunidade Kalunga. Em particular são apresentadas as três comunidades visitadas, Engenho II, Vão de Almas e Vão do Moleque. Com a utilização de levantamentos bibliográficos - da história oral e da observação - foi possível realizar o trabalho e constatar o modo de vida dos Kalunga, demonstrando que eles têm uma relação mais íntima com o lugar, com as imagens, com os vizinhos, com as tradições, com os valores, as crenças, com as relações sociais de produção, e com o cultivo de suas lavouras, e que seguem ao ritmo do ciclo da natureza do cerrado.

Palavras-chave: Kalunga, cerrado, cultura.

¹A presente nota de pesquisa foi fruto do trabalho de campo em uma visita exploratória, realizada nos dias 18 a 21 de abril de 2009, no município de Cavalcante nas Comunidades Kalungas: Engenho II, Vão de Almas e Vão do Moleque. Ligada ao projeto de pesquisa: Biotecnologia e a Gestão Participativa da Biodiversidade: Estudos de Caso de Instituições, Conhecimento Popular e Saberes Locais no Cerrado Brasileiro, apoio do Institut de Recherche et Developpement – IRD (França) e do projeto: Apropriação do território e dinâmicas socioambientais no Cerrado:biodiversidade, biotecnologia e saberes locais, com recursos financeiros do CNPq.



Résumé

Cette note de recherche discute la communauté Kalunga depuis sa création à nos jours , sur la variabilité climatique et présente également les c'est-à dire les trois communautés visitées: Engenho II, Vão de Almas. Avec l'utilisation d'enquêtes de la littérature, l'histoire orale et d'observation a été capable de le faire et à voir le style de vie des Kalungas démontrant qu'ils ont une relation plus étroite avec le lieu, avec des images, avec des voisins, avec les traditions, avec les valeurs, les croyances, les rapports sociaux de production et de la culture agricole, qui suit le rythme du cycle de la nature du cerrado.

Mots-clés: Kalunga, Cerrado, culture.

Abstract

This study has the objective to show some reflections on the Kalunga community. It examines three researched communities: *Engenho II*, *Vão de Almas* and *Vão do Moleque*. Through the literature review as well as the oral history and observation, it was possible to perform the work and understand the lifestyle of the Kalunga. The study reveals they have a close relationship to the local place concerning the images, the neighbors, the traditions, the values, beliefs, the social relations and production, and the cultivation of their crops, which follow the natural cycle of the Cerrado.

Keywords: Kalunga, cerrado, culture.

Introdução

A partir de 1980 os termos Biodiversidade e Biotecnologia constituíram-se na agenda e nas pautas de diversas instituições tanto as científicas quanto as políticas e as de gestão, ao empregarem os termos em suas condutas, expressam duas preocupações: o modo como a vida no planeta está sendo tratada; e a maneira pela qual essa vida deve ser pensada, utilizada e desenvolvida. Para Almeida (2003, p. 80):

Todavia, acredita-se que a (re)significação da natureza pelo discurso da biodiversidade ainda não esteja de todo assimilada pelas populações tradicionais do Cerrado. Assim, estas desconhecem ou ainda minimizam o potencial que elas e o Cerrado possuem para os projetos econômicos baseados em biotecnologia, atrativo para estas populações na medida em que pode oferecer oportunidades para melhorar as condições de vida, evitando a destruição da natureza e das culturas locais.

O discurso da biodiversidade pretende “salvar” a natureza das práticas destruidoras e estimular uma cultura de conservação. Como lembra Almeida (2003, p.79): “É uma nova maneira de falar sobre a natureza dentro de uma profunda mediação



técnico-científica e é, também, uma nova interface entre a natureza, o capital e a ciência”. E sobre o termo biodiversidade essa autora (2005, p. 324) explica:

Na perspectiva dos ecólogos, a biodiversidade é um conceito que engloba pelo menos três dimensões: o conjunto de espécies e animais, plantas e microorganismos, a variabilidade genética das populações de cada uma das espécies e os sistemas ecológicos, incorporando, assim, tanto os elementos não vivos como os processos ecológicos.

De acordo com ainda com Almeida (2003), cada um desses componentes pode ser medido de diferentes maneiras, a mais comum é a sobre o número de espécies. E de fato o Cerrado possui uma das maiores zonas de grande diversidade biológica.

A presente nota de pesquisa foi fruto do trabalho de campo em uma visita exploratória, vinculada ao Projeto BIOTEK, realizado pela Universidade Federal de Goiás/ Instituto de Estudos Sócio-ambientais (Brasil – GO) e IRD-Institut de Recherche et Développement (França). Esse projeto tem como objetivo pesquisar a utilização das biotecnologias no Cerrado, sua interferência na preservação da biodiversidade desse bioma no que diz respeito à cana-de-açúcar (biocombustível), organismos geneticamente modificados e produção da soja, além de discutir os diferentes reflexos do uso da natureza na cultura local.

Assim, cabe verificar o uso da natureza pelas comunidades locais no que se refere a um conhecimento tradicional. E segundo Aubertin, Pinton e Boisvert (2007, p. 171):

Os saberes tradicionais ligados à representação e à utilização da natureza adquiriram o estatuto de componentes imateriais da biodiversidade”. A autora exemplifica que nas culturas ameríndias os recursos eram sempre dependentes dos conhecimentos que se tinham, era impossível distinguir o “tangível” do intangível. Assim, as representações do mundo tem em comum a atribuição do saber aos homens, mas igualmente aos outros seres da natureza, sejam eles os ancestrais, os espíritos, as plantas e ou os animais.

Por meio de uma perspectiva reflexiva, busca-se compreender, entre as diversas concepções existentes, a visão que as populações do Cerrado possuem da biodiversidade como resultante de uma cultura particular, na apropriação do território, no conhecimento local e no processo de conservação. Almeida (2003, p.78) ressalta que:



As populações tradicionais do Cerrado têm um bom nível de conhecimento das plantas, dos animais e associam as mudanças de estação, fases lunares e ciclos biogeoquímicos, ecológicos e hidrológicos ao conhecimento dos diferentes tipos de solo, permitindo utilizar os espaços ecológicos de maneira complementar, gerando estratégias de uso múltiplo e integrado dos recursos bióticos. Isso permite afirmar que a natureza converte-se, assim em um patrimônio cultural e a biodiversidade deste ecossistema é, na atualidade, parcialmente de domínio destas populações.

Para isso o texto discutirá sobre a comunidade Kalunga desde a sua origem até os dias atuais, discorre sobre as variações climáticas e também são apresentadas as três comunidades visitadas, Engenho II, Vão de Almas e Vão do Moleque, momento em que os Kalungas falam de suas realidades enfrentadas no dia-a-dia.

Terras Dos Kalungas

Situam-se no nordeste do estado de Goiás, no município de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, localizadas à 600 km de Goiânia, é uma região dividida em serras e morros. A comunidade Kalunga é composta por quatro núcleos principais: Engenho II, o Vão de Almas, o Vão do Moleque, e o antigo Ribeirão dos Negros, rebatizado de Ribeirão dos Bois.

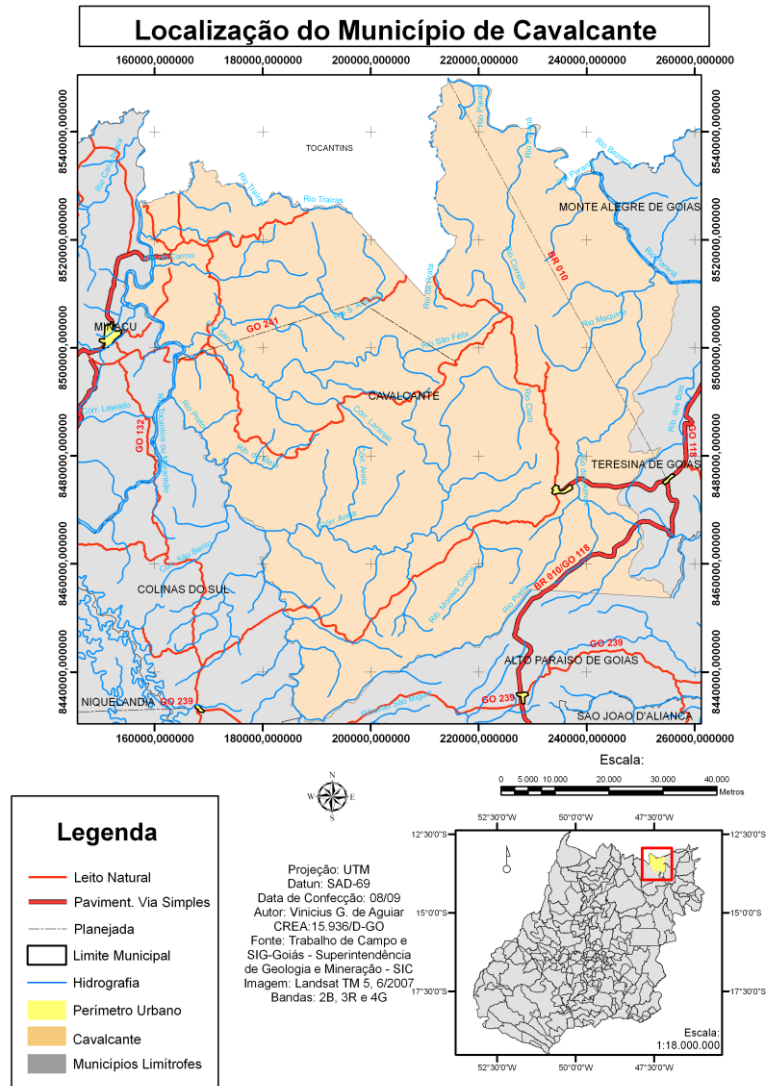


Figura 02- Mapa de Localização do Município de Cavalcante
Autor: AGUIAR, V. G. de. novembro de 2009.

Os Kalungas surgem por volta do século XVIII durante a exploração das minas de ouro em Goiás. Na língua banto, “kalunga” significa lugar sagrado, de proteção. Estavam em busca da formação de um território baseado numa organização política e social distinta da escravocrata, fugidos dos maus-tratos e da escravidão, formaram o quilombo nas serras do sertão goiano, mais precisamente nos vãos das serras. O povo de origem africana, costumes indígenas e tradições católicas luta para fortalecer a cultura, gerar renda e vencer o isolamento. Para Marinho (2008, p. 16):



As diversas interpretações, leituras e metaforizações desse termo promoveram e ainda promovem discussões e pressões de variados níveis da sociedade civil sobre a comunidade. Turistas, estudiosos, políticos, jornalistas, fotógrafos, entre outros passaram a visitar a comunidade e imputar-lhe seus anseios. Inspirados pelo conceito de quilombos à época da escravidão, muitos esperam encontrar comunidades atualizadas dos antigos quilombos, presas a relações arcaicas de produção e reprodução social, misticismos.

A população Kalunga, de acordo com Marinho (2008), é de 3.752 (três mil setecentas e cinquenta e duas pessoas) e sendo 958 (novecentas e cinquenta e oito) famílias, distribuídas em 884 (oitocentas e oitenta e quatro) domicílios. Além dos quatro agrupamentos principais a comunidade é subdividida em 62 povoados e os nomes dos locais sempre se associam a símbolo natural ou humano do local, como por exemplo Vão do Moleque.

Segundo Marinho (2008), não há limite territorial exato entre cada povoado, as divisas são conhecidas por uma construção subjetiva comum a todos na comunidade, geralmente delimitado pela ocupação de uma ou mais famílias extensas em um determinado espaço. A figura mostra a moradia Kalunga no Vão de Almas.



Figura 03- Moradia Kalunga

Autor: SILVA, L. G. da, abril de 2009.

Para Marinho (2008, p. 196), “a comunidade Kalunga é uma organização social constituída a partir dos esforços dos negros dessa região em manter o território, a terra. Todas as estratégias de reprodução utilizadas ao longo da trajetória dessa

comunidade têm como finalidade maior garantir o direito a terra”. Dessa forma os Kalungas trabalham em suas terras para assegurar o sustento de suas famílias. Devido as variações climáticas tentam adequar o seu calendário para não serem prejudicados na plantação de suas lavouras.

Estas variações, baseado em Ayoade (1988) dizem respeito às mudanças de temperatura, precipitação, nebulosidade e outros fenômenos climáticos em relação às médias históricas e estas variações podem afetar no modo de vida dos próprios Kalungas. Sendo os mais prejudicados pela diminuição de variadas espécies da biodiversidade e dificultando o cultivo de suas lavouras.

Assim, utilizei da história oral para verificar as realidades do dia-a-dia dos Kalungas. A comunidade do Engenho II tem como líderes o senhor Sirilo dos Santos Rosa 55 anos – Presidente da Associação da Comunidade Kalunga do Engenho II e o senhor Cesariano Paulino da Silva, dono de restaurante. Desde o ano de 1990 tem se uma Associação mãe que é a Associação Kalunga e em cada comunidade tem seus representantes. Mas, segundo o senhor Sirilo a única comunidade legalizada é apenas a do Engenho II.

Nesta comunidade, as casas estão mais aglomeradas, são perto umas das outras, parece um pequeno vilarejo com escola, telefone, energia, posto de saúde em fase de acabamento. Nesse povoado também contou com o apoio governamental com a melhora da moradia, com a construção de 40 casas com banheiro e água encanada lembrando que elas são da nascente (não tem tratamento).

O Engenho II possui atrativos turísticos e um dos melhores deles está na comunidade. O principal deles é o da Cachoeira Santa Bárbara, cuja visita é paga, pois na comunidade não tem estrutura hoteleira para abrigar turistas. Por isso, a convivência da comunidade com a cidade de Cavalcante, não é um tanto amigável, no sentido de que o lucro deixado pelos turistas fica mais na cidade, os Kalungas se queixam de que para eles só fica mesmo o trabalho.

Na comunidade há um Colégio que oferece estudos do Pré-escolar ao Ensino Médio e também possui o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e o EJA (Educação para Jovens e Adultos) e alguns dos professores são da cidade de Cavalcante. Algumas famílias da comunidade recebem o Bolsa Família do governo e cestas da CONAB. Segundo o senhor Cesariano são em média 115 famílias, ou seja, contempla



aproximadamente 400 pessoas. As doenças mais comuns são a pneumonia, o derrame e a doença de chagas. Os mais velhos da comunidade utilizam plantas medicinais e quase não vão ao médico.

Na opinião do senhor Cesariano hoje na comunidade aumentou a quantidade de jovens e crianças e estes querem permanecer no povoado, pois hoje tem escola e com a chegada do turismo a qualidade de vida melhorou. As crianças e os jovens estudam e com o turismo é mais uma opção de trabalho para eles permanecerem aqui.

A comunidade Vão de Almas, é um lugar de difícil acesso, as moradias ficam distantes umas das outras, o trajeto para se deslocar é feito a pé ou de mula, pois as estradas parecem mais trilhas entre os vãos das serras. Mesmo com o transporte disponibilizado pela prefeitura o carro só consegue chegar num determinado trecho, nesse local encontra-se a moradia de “Seu Neca”.

Na comunidade do Vão do Moleque, as moradias dessa região ficam esparsas umas das outras, o local possui galinheiro, curral e quintal. Os moradores dessa região utilizam um caminhão da Prefeitura para ir até a cidade. Conversamos com a “Dona Elza” 31 anos e “Seu Preto” 34 anos, sempre moraram no Vão do Moleque.

As mulheres Kalungas citaram as principais festas da comunidade como a Festa de São Gonçalo, a Festa da Nossa Senhora das Neves e são os homens que cuidam das festas, e elas acontecem sempre quando terminam as colheitas. E falaram das utilidades dos frutos do cerrado como o pequi para fazer o óleo, a mangaba para fazer doce, o tingui para fazer o sabão, quase não se faz o sabão de soda. Marisa relata que a vida da mulher Kalunga é sofrida, casou-se com 16 anos, porque desde cedo tem que cuidar da casa e ajudar o marido na roça, enfrentando sol e chuva.

“Seu Neca”, Kalunga do Vão de Almas, nos contou sobre a sua vida, os seus pais moravam no local numa área de 2.600 alqueires. Casou-se em 1985 na Fogueira de São João no festejo de Nossa Senhora D’Abadia na capela e hoje vive com sua família em 10 alqueires.

Variações Climáticas e Modo de Vida

De acordo com Ayoade (1988), dois pontos importantes devem ser levantados, *a priori* é que as variáveis climáticas estão intimamente relacionadas na influência que exercem sobre as lavouras. E o efeito de uma variável climática é modificado pelas outras. Assim, as variações diárias, sazonais ou anuais são de grande importância na determinação do crescimento dos cultivos.

O segundo ponto aponta que ao considerar o ambiente climático nos quais as lavouras se desenvolvem, o microclima também é fundamental para as mesmas. As condições climáticas também são significativas no interior dos solos, onde ocorre a germinação, e nas proximidades do terreno onde crescem os cultivos. Ayoade (1988, p. 286), afirma que:

As principais bases da vida para a humanidade, principalmente o ar, a água, o alimento e o abrigo, estão na dependência do clima. Assim, o ar que respiramos é obtido da atmosfera, a água que bebemos origina-se da precipitação e o nosso alimento tem sua origem na fotossíntese – um processo que se torna possível por causa da radiação, do bióxido de carbono e da umidade, e todos são atributos do clima.

Ainda segundo esse autor, todos os cultivos têm seus limites climáticos, cada lavoura necessita de cuidados diferentes para a produção. E esses limites podem ser ampliados até certo ponto pela seleção vegetal e pelos próprios métodos de cultivo, no que se refere à lavoura, e até por cruzamento aperfeiçoado e criação melhorada, no que tange à pecuária.

Conforme o calendário agrícola mencionado por Rigonato (2005), naquela região, pequenos produtores com o mesmo regime climático adotam o calendário descrito a seguir. Sendo um exemplo do ciclo agrícola parecido com o dos Kalungas.

Os meses de janeiro, fevereiro até março, a estação é chuvosa e predomina o período de limpa. De março a abril é um período de baixa utilização da lavoura. No mês de abril, maio e junho é o período propício para a colheita. A partir do mês de junho até o mês de setembro predomina o período da entressafra. De setembro a outubro começa a preparação para a plantação. Em outubro até dezembro é o período de plantio. No mês de dezembro até janeiro a mão de obra na lavoura é pequena. Segue o ciclo agrícola das populações tradicionais do cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros.

Quadro 01- dos tipos de cultivo e a dinâmica da lavoura de subsistência

Tipo de Cultivo	Plantio	Limpa		Colheita
Milho	Outubro a Dezembro	2 – 30 dias	Dez/Fev	Maio a Agosto
Mandioca	Outubro a Dezembro	3 – 90 dias		1 ano após o plantio
Abacaxi	Outubro a Dezembro			1 ano após o plantio
Cana-de-açúcar	Outubro	1 – 180 dias	Mar/Abr	1 a 2 anos após o plantio
Abóbora	Outubro a Dezembro			
Amendoim	Novembro	2 – 30 dias	Dez/Jan	Março
Batata doce	Novembro			Junho-Julho
Banana	Novembro	2 – 180 dias	Abr	1 ano após o plantio
Arroz	Novembro a janeiro	2 – 20 dias	Jan/Mar	Março a Abril
Feijão	Janeiro a Fevereiro	1 – 20 dias	Jan/Mar	Maio e Junho
Melancia	Abril a Maio			Junho/Julho

Autor: Rigonato, V. D. 2005.

Desse modo, as populações tradicionais do cerrado utilizam os conhecimentos adquiridos no seu modo de vida e pelas observações empíricas sobre o clima para se organizarem através de um calendário próprio para o desenvolvimento de suas atividades, seja de cultivo ou artesanais.

Os Kalungas estão numa área onde o clima é definido como quente e semi-úmido. Baseado em Coutinho (2000) é predominante no domínio do Cerrado a precipitação média anual fica entre 1200 e 1800 mm. Ao contrário da temperatura, a precipitação média mensal apresenta uma grande estacionalidade, concentrando-se nos meses de primavera e verão (outubro a março), que é a estação chuvosa. Curtos períodos de seca, chamados de veranicos, podem ocorrer em meio a esta estação, criando sérios problemas para a agricultura.

No período de maio a setembro os índices pluviométricos mensais reduzem-se bastante, podendo chegar a zero. Segundo o Coutinho (2000), resulta uma estação seca de 3 a 5 meses de duração e no início deste período a ocorrência de nevoeiros é comum nas primeiras horas das manhãs, formando-se grande quantidade de orvalho sobre as



plantas e umedecendo o solo. E no período da tarde os índices de umidade relativa do ar caem bastante, podendo baixar a valores próximos a 15%, principalmente nos meses de julho e agosto.

E durante os meses quentes de verão, quando as chuvas se concentram e os dias são mais longos, tudo ali é muito verde. No inverno, ao contrário, o capim torna-se amarelo e seco; quase todas as árvores e arbustos, por sua vez, trocam a folhagem por outra totalmente nova. No entanto, os Kalungas realizam seus cultivos num tempo e espaço distintos muitas vezes tendo como desafios os fenômenos da natureza.

Por isso, no cultivo de suas lavouras realizam suas técnicas e conhecimento de acordo com as variações climáticas. Dessa forma, como eles vivem e organizam um calendário de plantio, para não correr risco na plantação de suas lavouras, que é a base de sua subsistência.

O clima talvez seja o mais importante componente do ambiente natural, que afeta todos os processos existentes na terra, desde a formação dos solos e o crescimento e desenvolvimento das plantas. Assim, o ritmo do trabalho na lavoura determina a relação ao ritmo do ciclo da natureza do cerrado e os Kalungas convivem com essa realidade. A seguir apresentarei cada comunidade com suas particularidades.

Engenho II

Em relação às atividades agrícolas na comunidade só não plantam o trigo e a soja, não criam suínos, possuem criação de gado comum, cruzado e nelore. Segundo o senhor Cesariano a produção tem caído nesse período de março a abril por causa do excesso de chuva nessa época, destaca: “Porque é tempo de colheita de arroz e nesse período chovia menos”. Ele ressalta que a cada ano está acontecendo uma mudança tem vez que chove mais e outro chove menos.

Vão de Almas

Conversamos com o senhor Albertino que falava sobre a época da colheita e da plantação de suas lavouras. Segundo ele no mês de novembro inicia-se a plantação e em fevereiro até abril colhe-se o arroz, o milho e a mandioca. Foi perguntado em que época se faz a farinha e ele disse: “A farinha é feita em todo o tempo. Aqui cada um faz a sua, come e vende. Não tem casa da farinha não”.

Para o seu Josefino, ao explicar sobre o cultivo em suas terras ele apontou que planta arroz, feijão de corda, milho. Cuida da roça sempre usando enxada, foice, machado, cavador, facão e não usa nenhum veneno. Quando colhe já deixa a semente de reserva e também para manter a despesa. Aprendeu a plantar com o seu pai.

“Seu Neca” cria gado comum, planta: mandioca, arroz, gergelins, milho, abóbora, jiló. Na divisão do dia ele levanta das 05:00 às 06:00 da manhã para tomar as providências do dia: primeiro tira o leite depois vai para a roça que fica a 1 km e passa por uma outra no quintal até as 11:00; depois almoça e às 13:00 retorna à roça onde permanece até cerca de 17:00, quando volta para a casa. Se não vai para o roçado visita os vizinhos, para ajudar com algum tipo de apoio.

Foi perguntado se ele seguia as fases da lua para plantar e sua resposta foi sim: “não deve plantar na lua nova porque dá broca”, ele explica que a verdura fica cheia de furos e não se aproveita. Para saber se vai chover ele observa o céu, “Quando o vento é de chuva, ele vem do lado que o sol se põe, chega escurecer, o vento ajuda a trazer a chuva, mas se vier o vento do lado contrário, de onde o sol nasce, tira a chuva”. Ainda sabe se vai fazer frio quando o céu está limpo, mas se tiver nuvem é sinal de calor.

O que mais atinge as plantações são as pragas uma delas é o besouro que come feijão, mas para evitar as pragas “Seu Neca” diz: “Aqui não se usa veneno (remédio) e também não se aduba deixa por si só”. Para a lida na roça utiliza a enxada, o machado e uma plantadeira manual que possui há mais de vinte anos.

Vão do Moleque

Os Kalungas levam a vida trabalhando na roça, plantam arroz, mandioca, milho, batata, abóbora e outros. Às vezes a roça é atacada por pássaros e não fazem nada para espantar os pássaros porque segundo eles os animais também precisam comer. As raízes

são atacadas por formigas e a única coisa a fazer é socar a boca do formigueiro. Começam a plantar em novembro, o arroz, o milho, a mandioca, mas até dezembro e janeiro ainda podem plantar, segundo “Seu Preto” e “Dona Elza”. O arroz e o milho se colhem em abril, a mandioca leva em média 1 (um) ano para colher.

Em relação ao clima eles reclamam da seca dizem que ela é mais “arrochada” em julho, agosto e setembro. Um dos principais problemas que enfrentam é quando perdem a plantação, principalmente, por causa da pouca chuva, só em setembro começa a chover. Na seca não se tem água, por isso até os bichos vão para outro lugar para procurar água e alimento. Para “Dona Elza” e “Seu Preto” cada ano na época da seca está secando mais no Morro do Moleque, no rio do Esporo, tem pouca água.

Também criam gado e cavalo, tira em média 18 de litros de leite, tem vez que ficam sem leite na época da seca, quase não se faz queijo e requeijão. Pegam frutas como mangaba, pequi, jatobá, baquari, pimenta de macaco.

O dia-a-dia de “Dona Elza” é fazer o café antes de ir para a roça para ajudar “Seu Preto” ela cuida das crianças, arruma a casa, lava a vasilha e roupa no rio Esporo. “Seu Preto” levanta por volta das 06:00 horas tira o leite, em seguida, vai para a roça, por volta das 11:00 almoça depois retorna à lida. Por volta das 17:00 horas, as crianças ficam por conta de apartar as vacas, ou seja, separar os bezerros das mães. As crianças gostam de brincar e vão para a escola na parte da tarde caminhando, a escola oferece do 1º ao 4º ano.

Em relação às plantas do cerrado para uso medicinal, segundo Dona Elza, tem: o carrapicho para febre, quina para garganta, olho da “samabaiguinha” e leite da mangaba para dor de barriga, sumo da folha de algodão e mastruz para machucado. E também faz o sabão de “tingui”.

Conclusão

Neste trabalho, destacam-se algumas considerações que os Kalungas fazem do cerrado e do seu próprio modo de vida. Notam-se vínculos paralelos entre a agricultura e a natureza. Eles querem plantar e colher para o sustento de sua família, ter uma vida tranquila no campo. Como explica Tuan (1980, p. 111): “O apego à terra do pequeno



agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela.”. Por isso, eles demonstram um respeito com a natureza natural.

Percebe-se que mesmo nas dificuldades enfrentadas pelos Kalungas, de uma certa forma, a vida deles mudou principalmente a ida na cidade ficou mais frequente, ainda assim “resistem” com seu modo específico de viver. Segundo Rigonato (2005, p. 106) desse modo,

O modo de vida contempla as especificidades do lugar vivido. O uso e ocupação do espaço geográfico pressupõem-se o lugar, a localização, a posição e, sobretudo, as relações sociais, culturais, políticas e econômicas ali emergidas. Portanto, o território apresenta-se como definidor da identidade vivida e do próprio lugar, bem como das relações de poder e dos sentimentos de pertencimento e não pertencimento ao grupo e, principalmente o modo de vida.

O modo de vida dos kalungas demonstra que eles têm uma relação mais íntima com o lugar, com as imagens, com os vizinhos, com as tradições, com os valores, as crenças, com as relações sociais de produção, e com o cultivo de suas lavouras. Os Kalungas possuem o seu conhecimento, muitas vezes pelo senso comum, como vimos com o “Seu Neca”, ainda definem suas estratégias de cultivar a lavoura, de acordo com o clima e as fases da lua, sobre todos os estágios do ciclo agrícola. Segundo Marinho (2008, p. 11), “as roças são prejudicadas por fatores climáticos e ainda têm que se apertarem entre as terras férteis restantes que não são cobiçadas e/ou já haviam sido tomadas por fazendeiros, grileiros e posseiros”.

Refletindo sobre o tempo e o espaço do cultivo é perceptível como os Kalungas dividem o seu tempo, e na época de plantar e colher requer mais o tempo destinado à agricultura. Nas comunidades visitadas, todos aparentemente demonstraram-se unidos, uns ajudando os outros trabalhando em mutirão nas lavouras. Cada um tem seu espaço para morar e plantar.

Em relação à comunidade Kalunga, percebe-se que na comunidade do Engenho II, as pessoas pareciam treinadas ou combinadas as respostas, pois, as respostas eram as mesmas. No Vão de Almas, a preocupação deles é buscar melhorias para região, mas há ideias contrárias. Na comunidade do Vão do Moleque as pessoas mesmo que tímidas pareciam sinceras em suas repostas.



Referências

AUBERTIN, Catherine; PINTON, Florence; BOISVERT, Valérie. **Les marches de la biodiversité**. Paris: IRD Éditions, 2007.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura Ecológica e biodiversidade. **Mercator: revista de Geografia da UFC**. Fortaleza, CE, ano 01, n. 03, jun/jul. 2003.p.71-82.

_____. A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (org.) **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidades e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

AYOADE, J. O. **Introdução à Climatologia para os trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COUTINHO, Leopoldo Magno. **Cerrado**. 2000. Disponível em: <http://eco.ib.usp.br>. Acesso em: 18 maio 2009.

MARINHO, Thais Alves. **Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. 2008. 208f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

RIGONATO, Valney Dias. **O modo de vida das populações tradicionais e a inter-relação com o cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros: o distrito de Vila Borba**. 2005. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Oliveira, Livia. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

Recebido para publicação em novembro de 2009.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2010.